

## SAUDAÇÕES E LEMBRETES

### ÀS IGREJAS EM CORINTO E NA ACAIA (1:1, 2)

Em 1 Coríntios 1:2, Paulo dirige a carta “à igreja de Deus que está em Corinto”. Sóstenes, aparentemente o mesmo homem que presidia a sinagoga judaica em Corinto, une-se ao apóstolo na saudação (1 Coríntios 1:1; veja Atos 18:17).

Ficamos um tanto surpresos ao ver a inclusão de Timóteo na saudação de 2 Coríntios, uma vez que ele não tem proeminência na narrativa da carta. Tito atuou como um ponto de contato entre Paulo e a igreja em Corinto, porém ele não é mencionado aqui. Timóteo é mencionado apenas mais uma vez, em 1:19.

A segunda carta de Paulo começa assim:

**<sup>1</sup>Paulo, apóstolo de Cristo Jesus pela vontade de Deus, e o irmão Timóteo, à igreja de Deus que está em Corinto e a todos os santos em toda a Acaia, <sup>2</sup>graça a vós outros e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo.**

**Versículo 1.** Como de costume, Paulo começou a carta reivindicando para si o *status* de apóstolo e, conseqüentemente, a autoridade apostólica. Ele esperava que suas admoestações fossem aceitas pela igreja porque ele era **apóstolo de Cristo Jesus pela vontade de Deus**. Paulo estava confirmando, como fez em outros trechos, que seu apostolado estava em conformidade com a escolha de Deus (1 Coríntios 15:9, 10; Gálatas 1:1). O fato de o Senhor ter aparecido a Paulo pessoalmente e ter-lhe dado uma missão eram provas de sua autoridade apostólica (1 Coríntios 9:1; 15:8; Gálatas 1:15, 16). Além disso, os frutos que Paulo produziu para Cristo em Corinto (2 Coríntios 3:2, 3) e em outros lugares (1 Coríntios 15:10) anunciavam o

seu apostolado. Era de suma importância para a igreja do primeiro século ter uma fonte de autoridade em todas as coisas concernentes à adoração e à obediência a Deus. Enquanto o Novo Testamento estava sendo escrito e autenticado entre os santos espalhados por todo o mundo conhecido daqueles dias, inúmeros grupos se disseminaram a partir dos ensinamentos de Cristo.

**Timóteo** juntou-se a Paulo na saudação sendo citado como **o irmão**. O relacionamento de Timóteo com a igreja em Corinto já perdurava quase o mesmo tempo que o do apóstolo (Atos 18:5). As circunstâncias que colocaram Timóteo na Macedônia em companhia de Paulo são indeterminadas. Em sua primeira carta a Corinto, Paulo mencionou que havia lhes enviado Timóteo (1 Coríntios 4:17), mas a mesma carta indicava que Timóteo ainda não havia chegado (16:10, 11). Possivelmente, Timóteo e Erasto (Atos 19:22) haviam sido enviados à Macedônia com o acordo de que, quando terminassem a obra ali, seguissem para Corinto. É igualmente possível que a missão deles não tivesse relação com Corinto. A missão de Timóteo em Atos 19:22 pode ter sido totalmente diferente da missão mencionada em 1 Coríntios 4:17. Paulo pode ter enviado Timóteo e Erasto à Macedônia para preparar as igrejas para a contribuição que ele mais tarde recolheria e levaria à igreja da Judeia. Usando um método semelhante, ele enviaria, posteriormente, Tito a Corinto (2 Coríntios 8:16–19). Uma maneira de explicar a saída de Paulo de Trôade para a Macedônia era que ele precisava se encontrar com Timóteo.

Muitos acreditam que, de alguma forma, Timóteo não conseguiu reconciliar Paulo com seus oponentes de Corinto, enquanto Tito foi bem-sucedido. Nada no texto sugere isso. O fato de Timó-

teo participar da saudação indica que ele tinha um bom relacionamento com a igreja em Corinto. Timóteo também participou das saudações de Paulo nas cartas aos filipenses, colossenses e nas duas cartas aos tessalonicenses.

A Segunda Carta aos Coríntios não se destinava apenas à **igreja de Deus... em Corinto**, mas também a **todos os santos em toda a Acaia**. Acaia era a província romana posicionada no sul da península grega. A saudação é um lembrete de que sabemos pouco sobre até onde a igreja se expandiu nesse período inicial. Alguns cristãos evidentemente já haviam se mudado de Corinto para a província romana vizinha da Acaia, no momento em que Paulo escreveu 2 Coríntios. Pode ser que ele não tivesse ideia dessa expansão quando escreveu a primeira carta ou pode ser que essa expansão ainda não tivesse ocorrido. Atos sugere a presença de um pequeno grupo de crentes na cidade de Atenas, na Acaia. A menção de Febe em Romanos 16:1 indica que havia uma igreja em Cencreia, o porto marítimo oriental de Corinto. É possível que crentes tivessem migrado de Atenas e Corinto para outras cidades da província a fim de pregar. A igreja pode ter se irradiado de Corinto durante os dezoito meses em que Paulo esteve na cidade, como ocorreu mais tarde fez a partir de Éfeso, onde o apóstolo ensinou por dois anos na escola de Tirano (Atos 19:9, 10). Paulo, sem dúvida, alegrou-se com o fato de o evangelho continuar a se propagar por toda a Acaia após sua partida de Corinto.

**Versículo 2. Graça a vós outros e paz** é a saudação normal que Paulo usava para iniciar suas cartas (veja, por exemplo, Romanos 1:7; 1 Coríntios 1:3). Era comum as cartas de autores gregos do período neotestamentário iniciarem com o infinitivo simples *χαίρειν* (*chairein*, “saudações”; veja Atos 15:23; Tiago 1:1)<sup>1</sup>. Possivelmente, Paulo e outros autores do Novo Testamento escolheram o substantivo *χάρις* (*charis*, “graça”) para iniciar suas cartas porque o vocábulo tinha um significado semelhante à saudação comum usada por amigos e familiares. No entanto, havia outras razões para se escrever “graça” nas palavras introdutórias das cartas cristãs. “Graça” selava o documento com

<sup>1</sup>“Cerca de um quarto de um milhão de fragmentos bíblicos, litúrgicos, rabínicos, exegéticos entre outros” que demonstram práticas de escrita comuns foram descobertas no Cairo, no fim de 1800. (H. M. Orlinsky, “Genizah” em *The Interpreter’s Dictionary of the Bible*. Nashville: Abingdon Press, 1962, vol. 2, p. 381.)

o conceito de que Deus, movido por Seu grande amor e misericórdia, havia estendido a mão para salvar a humanidade. Nenhuma palavra é mais importante para os cristãos do que “graça”.

Paulo iniciava todas as suas cartas invocando o favor de Deus. O uso de “graça e paz” não consistia em mera formalidade; era uma oração para que o cuidado providencial de Deus estivesse com os coríntios. Por causa da graça manifestada na cruz, Paulo invocou a misericórdia de Deus para que as falhas dos crentes fossem perdoadas e portas se abrissem para outras pessoas serem salvas.

Além de “graça”, aparece na saudação a palavra “paz”, que encontra seu contexto no hebraico e não no grego. “Paz”, para um judeu, significava muito mais do que a ausência de perturbação. A palavra hebraica frequentemente traduzida por “paz” comunicava o desejo de Paulo para com seus leitores. Ele desejava que eles tivessem bem-estar, prosperidade e boa saúde. Em suas cartas posteriores, Paulo acrescentou à sua saudação a palavra “misericórdia” (1 Timóteo 1:2; 2 Timóteo 1:2). Ele concluiu as saudações aos coríntios em 1:2, colocando-se a si mesmo e seus leitores sob os cuidados de **Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo**. Deus é um, mas também é Pai e Filho. Em 13:14, Paulo mencionou todas as três Pessoas da Divindade: “A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós”.

#### LEVANDO A CRUZ: TRIBULAÇÃO E CONSOLAÇÃO (1:3-7)

Paulo acabara de passar pelos acontecimentos provavelmente mais perigosos e desanimadores de sua vida. Ele quase foi assassinado violentamente em Éfeso. Não conseguindo se encontrar com Tito em Trôade e sem saber da segurança física desse seu companheiro, ele saiu de Trôade rumo à Macedônia. Nesta carta aos coríntios, ele escreveu: “Porque, chegando nós à Macedônia, nenhum alívio tivemos; pelo contrário, em tudo fomos atribulados: lutas por fora, temores por dentro” (7:5).

Paulo ajudou os coríntios a entenderem que os perigos que ele enfrentara recentemente faziam parte da jornada de um servo de Cristo (veja Romanos 1:1). Ele esperava sofrer por causa da proclamação de um Deus único, um Senhor único, um estilo de vida único e um meio de salvação único. Ele suportou oposição constante para que o evangelho de Cristo alcançasse os coríntios e outros que

queriam estar entre os salvos. Seu sofrimento foi em benefício deles.

Adoradores do Deus de Israel ainda lutam com o problema do sofrimento. O sofrimento, tanto para Paulo como para muitos outros, acompanhava uma vida correta, justa. Jó representa todos os mortais que já tentaram entender por que estavam sofrendo. As perguntas que não calam são estas: “Se Deus é bom e todo-poderoso, por que existe o mal no mundo?”; “Por que Deus não tira o diabo da terra?”; “Por que inocentes sofrem?” Paulo não recorreu a essas perguntas nem culpou Deus pelo que havia acontecido com ele. Em vez disso, ele disse, com efeito: “Não sei como Deus administra o mundo, mas sei que em Cristo tenho uma fonte de consolo e esperança que nunca poderia ter sem Ele”. O sofrimento, para Paulo ou qualquer crente, jamais seria mais fácil de suportar se o sofredor tirasse Deus de cena.

**<sup>3</sup>Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai de misericórdias e Deus de toda consolação! <sup>4</sup>É ele que nos conforta em toda a nossa tribulação, para podermos consolar os que estiverem em qualquer angústia, com a consolação com que nós mesmos somos contemplados por Deus. <sup>5</sup>Porque, assim como os sofrimentos de Cristo se manifestam em grande medida a nosso favor, assim também a nossa consolação transborda por meio de Cristo. <sup>6</sup>Mas, se somos atribulados, é para o vosso conforto e salvação; se somos confortados, é também para o vosso conforto, o qual se torna eficaz, suportando vós com paciência os mesmos sofrimentos que nós também padecemos. <sup>7</sup>A nossa esperança a respeito de vós está firme, sabendo que, como sois participantes dos sofrimentos, assim o sereis da consolação.**

**Versículo 3.** Não é nenhuma surpresa que, após saudar os leitores, Paulo começasse o corpo da carta com **Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo**. Gratidão e louvor povoavam constantemente os pensamentos do apóstolo. Desta vez, porém, e diferente das outras, a gratidão de Paulo não foi tanto pelas bênçãos de Deus sobre seus leitores, mas pela libertação providencial de Deus para com o próprio apóstolo (1:4–7). Ele acabara de passar por um dos momentos mais sombrios de sua vida. Tudo indica que ele estivera preocupado com os grandes perigos aos quais ele sobrevivera recentemente e com os lamentáveis

acontecimentos sucedidos entre cristãos a quem ele amava. Diante de tais circunstâncias, Paulo encontrou forças no Senhor. Ele começou a carta louvando a Deus por tê-lo conduzido em meio a provações. Parafraseando-o, ele disse em 1:3 e 4: “Bendito seja Deus a todos os homens pelas misericórdias e pela consolação que me concedeu em tribulação após tribulação”.

Apesar de toda a gratidão que Paulo expressou pela consolação de Deus, 2 Coríntios não visava ser um apelo narcisista para que os crentes cercassem o apóstolo de atenção. Ele já tinha recebido conforto, mas as bênçãos que Deus lhe concedeu resultaram no conforto de seus leitores (1:7). Paulo, os cristãos de Corinto e os macedônios – todo o povo de Deus – haviam se posicionado ao lado de Jesus Cristo na luta contra o mal que assola o mundo. A igreja, o corpo de Cristo, envolveu todos nesse mesmo propósito.

Em vez de ser um crente isolado e respeitado, modelo de heroísmo individual, Paulo agia em parceria com seus irmãos e com Cristo. Ele se via unido e coligado à igreja existente em todas as partes do mundo. O corpo tanto se alegra como ora coletivamente. Quando um de seus membros sofre, todos sofrem; e quando Deus conforta, Ele conforta a todos. “Porque assim como num só corpo temos muitos membros, mas nem todos os membros têm a mesma função, assim também nós, conquanto muitos, somos um só corpo em Cristo e membros uns dos outros” (Romanos 12:4, 5).

Pessoas de fé também podem ter a tendência de acusar Deus quando se sentem oprimidas pelos inimigos. Podem acusá-lo de enviar contratempos ou reclamar da porção que Ele lhes conferiu. Essa prática não é novidade. Alguns salmistas acusaram Deus de trazer-lhes sofrimento. Certo salmista alegou: “Vendes por um nada o Teu povo e nada lucras com o seu preço” (Salmos 44:12). Ao contrário disso, quando levado à beira do desespero, Paulo ofereceu ações de graças: “Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo” (1:3).

A abordagem de Paulo pode elevar o sofrimento e inspirar os leitores a terem coragem para prosseguir, porém muitas vezes é difícil ser exemplo de tamanha coragem, quando estamos no meio do sofrimento. O apóstolo foi exemplo para os crentes. Em vez de culpar a Deus pelos contratempos, Paulo louvou a Deus por ajudá-lo a enfrentá-los. Em suas palavras, Paulo depositou toda a esperança em Deus numa atitude de confiança, paz e

perseverança. A carta mantém esse tom até o fim. É uma carta altamente carregada de emoção e uma garantia serena do cuidado divino. Paulo permitiu que seus leitores vissem na autoconfiança da autoridade apostólica as lutas que o fizeram vacilar. Paulo escreveu 2 Coríntios tomado de ansiedade.

Era importante para Paulo que seus leitores conhecessem **o Pai das misericórdias e Deus de toda consolação**. Ele proclamou que esse era o mesmo Deus que estendeu a mão para salvar a humanidade por meio de “nosso Senhor Jesus Cristo”. Em seu entendimento, Jesus é a Divindade em todos os sentidos que Deus Pai é. Porque o Antigo Testamento proclama Cristo, ele faz parte do cânone cristão. O Deus de Israel é o Deus do cristão. A mensagem do evangelho não apresentava um novo Deus à humanidade. Paul Barnett escreveu:

O Senhor Jesus Cristo não está ao lado do Pai como um co-regente, mas abaixo dele como mediador entre os seres humanos e as bênçãos divinas e, ao mesmo tempo, revelador desse Deus. O Senhor que veio até nós e que agora tem domínio sobre nós colocou um rosto humano em Deus, trouxe Deus até nós como Aquele a quem podemos prontamente reconhecer.<sup>2</sup>

Nas sinagogas, antes de se tornar cristão, Paulo certamente aprendeu a orar<sup>3</sup>: “Olha para a nossa tribulação, pleiteia a nossa causa e resgata-nos rapidamente por amor do Teu nome; pois Tu és um poderoso Redentor. Bendito és tu, ó Senhor, o Redentor de Israel”<sup>4</sup>. Depois de recitar orações judaicas por anos, Paulo conheceu a Cristo quando este lhe apareceu na estrada para Damasco (Atos 26:12–18). Agora, como um apóstolo de Cristo, ele entendia que o Deus único a quem ele orava viera para redimir todo o Seu povo, quer judeus quer gentios. Paulo se alegrava por fazer parte do novo Israel (Romanos 2:29), a igreja que vê Jesus como Senhor.

**Versículo 4.** O escritor migrou do tema da gratidão e louvor a Deus pela “consolação” que ele recebeu, para a “tribulação”, afirmando que Deus

<sup>2</sup> Paul Barnett, *The Second Epistle to the Corinthians*, The New International Commentary on the New Testament. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1997, p. 71.

<sup>3</sup> Ibid., p. 67. As sinagogas elaboraram dezenove bênçãos no período do Novo Testamento. “Em comparação com as ‘Dezoito Bênçãos’ contemporâneas, é evidente que a súplica pela restauração nacional foi omitida” (Craig A. Evans, ed., *The Historical Jesus: Critical Concepts in Religious Studies*, vol. 2, *The Teaching of Jesus*. Nova York: Routledge, 2004, p. 294).

<sup>4</sup> Evans, p. 33.

**nos conforta em toda a nossa tribulação, para podermos consolar os que estiverem em qualquer angústia, com a consolação com que nós mesmos somos contemplados por Deus.** O sofrimento de Paulo foi acompanhado por outros crentes. Uma variedade de termos é usada para designar os tormentos, a tristeza, as perseguições e as provações da vida cristã. O termo usado aqui é *thlipsis*, uma metáfora que se consagrara no grego comum, falado no primeiro século. O substantivo e seu verbo correspondente (θλίβω, *thlibō*) sugerem pressão. A tribulação sobreveio a Paulo por circunstâncias fora de seu controle. Provações podem surpreender um cristão vindas de dentro da igreja ou até de seu próprio coração, mas, aqui, Paulo não estava preocupado com questões eclesiais nem com tormentos internos. Potestades do ar, controladas por Satanás, vinham exercendo pressão de fora.

O apóstolo se referiu a sua tribulação em termos gerais. Ele não forneceu aos cristãos coríntios informações precisas sobre o que havia acontecido com ele. Assim como a tribulação, a natureza da consolação de Deus não é explicada com detalhes por Paulo. Será que Deus lhe fez promessas sobre o futuro? Será que o Senhor lhe apareceu em sonho ou visão, como em outras ocasiões (Atos 16:9; 18:9)?

Complementando a breve referência de Paulo à sua tribulação em 1:4 com o que sabemos pelo livro de Atos, podemos dizer que a tribulação de Paulo parece ter sido o perigo físico que o ameaçou em Éfeso (Atos 19:23—20:1; 1 Coríntios 15:32). Talvez tenha sido em conjunto com o desânimo por não encontrar Tito em Trôade (2 Coríntios 2:12, 13), ou com a preocupação com o bem-estar das igrejas (11:28, 29).

Paulo compreendeu que sua tribulação (pelo menos em alguma medida) procedia de Deus e visava prepara-lo e capacitá-lo para igualmente consolar outros que corresse perigo por causa do nome de Cristo. Após os eventos que levaram o apóstolo a escrever 2 Coríntios, as cartas de Paulo parecem ser menos inflamadas. Seja qual foi a combinação de circunstâncias que Paulo encontrou durante sua estada na Ásia, na terceira viagem, parece que ela exerceu um efeito permanente no seu modo de ver as coisas. Salvo algumas exceções, as cartas posteriores parecem mais reservadas do que Gálatas ou 1 Coríntios.

**Versículo 5.** Paulo continuou: **Porque, assim como os sofrimentos de Cristo se manifestam**

**em grande medida a nosso favor, assim também a nossa consolação transborda por meio de Cristo.** Depois de se referir à “tribulação” que sofreu, Paulo citou uma palavra diferente, *παθήματα* (*pathēmata*), que significa “sofrimentos”. O genitivo em “os sofrimentos de Cristo” (τοῦ Χριστοῦ, *tou Christou*) provavelmente é descritivo; isto é, o sofrimento que Paulo suportou era do mesmo tipo que Cristo suportou. No entanto, pode ser um genitivo objetivo. Nesse caso, Paulo estaria dizendo que seu sofrimento era por causa de Cristo. Nenhuma das interpretações afeta muito o significado. A Bíblia, por vezes, testifica que o povo de Cristo pode esperar suportar os mesmos tipos de rejeição e sofrimento que o próprio Jesus experimentou (Colossenses 1:24). O mal existente no mundo é uma força constante que os crentes combatem.

Juntamente com esses sofrimentos, disse Paulo, foi-lhe derramada uma dose abundante da bondade de Deus. A misericórdia de Deus não só fortalece os crentes para as provações, mas também ocasiona alegria diante do que o mundo lhes impõe. Os crentes tornam-se, assim, coparticipantes do Senhor no sofrimento. As provações que poderiam triturar pessoas de fé mais fraca intensificaram os laços de Paulo com o Senhor. Tão importante quanto, o sofrimento conectou o apóstolo aos seus irmãos de Corinto. Eles também sofreram tribulações por causa de Cristo. À medida que Deus é louvado pela libertação que Ele provê, Jesus, por sua vez, concede uma bênção aos que sofreram pelo Seu nome. Uma das bem-aventuranças diz: “Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus” (Mateus 5:10). A confiança é um pêndulo que oscila entre o Salvador e aqueles que decidem segui-IO.

Os cristãos encontram forças para suportar sofrimentos porque: 1) Deus já os consolou por meio de Cristo, 2) recusam-se a fixar os olhos nos erros cometidos contra eles e 3) buscam apoio no corpo da igreja, isto é, em seus irmãos e irmãs. As pessoas que creem que Jesus de Nazaré era e continua sendo o Cristo de Deus vivem em comunidade, ou seja, em comunhão com uma igreja local. Com Cristo à frente, os cristãos lutam contra o mundo, dominando-o com bondade. Por causa disso, Paulo pôde escrever: “Abençoai os que vos perseguem, abençoai e não amaldiçoeis. Alegrai-vos com os que se alegram e chorai com os que choram” (Romanos 12:14, 15). J. Paul Sampley escreveu:

Podemos achar mais fácil demonstrar consolação e consternação quando o outro está sofrendo e mais difícil celebrar sua libertação. Nenhuma gota de ciúmes penetra nossos pensamentos quando um amigo ou conhecido está enfrentando alguma tribulação, mas quando um amigo consegue um emprego novo e melhor, um carro melhor, é admitido numa faculdade de prestígio, recebe um aumento ou tem uma colheita melhor, conseguimos sinceramente dar graças pelo bom desempenho dessa pessoa?<sup>5</sup>

**Versículo 6.** Em todo o trecho de 1:3–5, os pronomes da primeira pessoa estão no plural: Ele é “*nosso* Senhor Jesus Cristo” (1:3; grifo meu). Deus nos consola em nossas tribulações para que consolemos outros (1:4). O conforto que recebemos é abundante (1:5). Em 1:6a, Paulo acrescentou: **Mas, se somos atribulados, é para o vosso conforto e salvação; se somos confortados, é também para o vosso conforto.** Paulo considerou seus companheiros de trabalho, homens como Timóteo e Tito, e ele mesmo instrumentos usados por Deus em benefício dos coríntios. Ao mesmo tempo, ele rogou que os coríntios beneficiassem os mensageiros apostólicos. Todos estavam unidos no esforço comum de conduzir pessoas das trevas para a luz. A tribulação que se abateu sobre Paulo e seus companheiros de trabalho serviu para intensificar seus laços com a comunidade de santos de Corinto. Os próprios sofrimentos de Paulo resultaram em conforto **eficaz** para suportar os irmãos de Corinto **com paciência** nos **mesmos sofrimentos que, como observou Paulo, também padecemos.** O ânimo que se estende ao atribulado é mais eficaz quando procede de alguém que passou pela mesma tribulação.

Paulo e seus companheiros sofreram para levar a mensagem da cruz aos crentes que viviam em Corinto, em Éfeso e em todas as províncias romanas da Ásia, Macedônia e Acaia. Além disso, o apóstolo entendeu que essas tribulações, juntamente com a força que Deus lhes concedeu, visavam beneficiar os coríntios. Os coríntios extraíram do testemunho de Paulo sobre o conforto de Deus apoio para serem consolados em seus próprios sofrimentos. Observar a fidelidade de Deus confortou-os quando enfrentaram perseguição pacientemente por causa de Cristo. O poder conferido a Paulo e aos crentes de Corinto veio através da

---

<sup>5</sup>J. Paul Sampley, “The Second Letter to the Corinthians” em *The New Interpreter’s Bible*, ed. Leander E. Keck. Nashville: Abingdon Press, 2000, vol. 11, p. 44.

fraqueza. Jesus já mostrou o caminho (veja 12:10). Ele atingiu o ápice do poder quando venceu o pecado ao ser crucificado pelos exércitos do mal.

Podemos apenas imaginar que tipo de sofrimento os cristãos coríntios enfrentaram. Eles viviam numa sociedade pagã, uma sociedade que preservava certas práticas que os cristãos deveriam rejeitar. Festividades pagãs em honra a deuses, imoralidade sexual, desonestidade, luxúria, ganância e uma série de iniquidades semelhantes desonravam o Deus a quem os crentes serviam. A distância entre os cristãos e seus vizinhos acabava resultando em desconfiança. Esta, por sua vez, levava à calúnia contra os crentes e a acusações de crimes inventados.

**Versículo 7.** As duas cartas aos coríntios confirmam a existência de lutas de caráter ético e doutrinário afligindo cristãos que conviviam numa igreja local. Alguns coríntios não estavam dispostos a abandonar o estilo de vida mundano anterior à conversão (1 Coríntios 5:12, 13). As tensões surgiram entre os que lutavam para viver no mundo sem sucumbir a ele. Extremismos eram comuns. Alguns, por exemplo, acreditavam que só a abstinência sexual total era aceitável (1 Coríntios 7:1), enquanto outros repudiavam qualquer restrição. Atritos internos (1 Coríntios 1:10–12) entre cristãos, associados a forças externas, dificultavam a vida dos cristãos coríntios. Vidas que deveriam ser consagradas muitas vezes estavam seriamente comprometidas.

Apesar das tensões na igreja e de haver indivíduos que toleravam ou até aceitavam o pecado, Paulo assegurou a seus leitores que ele tinha esperança neles e que sua confiança neles permanecia forte. **A nossa esperança a respeito de vós está firme**, escreveu ele em 1:7a. Além disso, o apóstolo ele estava confiante de que Deus continuaria a moldá-los para serem o tipo de pessoas que O honrariam. Nem Deus nem Paulo abandonariam a igreja de Corinto. De fato, eles participariam dos sofrimentos de Paulo e de outros crentes (*κοινωνοὶ ἐστε τῶν παθημάτων, koinōnoi este tōn pathēmatōn, sois participantes dos sofrimentos*). No entanto, também seriam participantes da consolação (*οὐτως καὶ τῆς παρακλήσεως, houtōs kai tēs paraklēseōs, assim o sereis da consolação*) a qual só Deus poderia dar. No fim de tudo, Paulo, os cristãos de Corinto e todos os crentes eram parceiros, participantes dos “sofrimentos” e da “consolação” de Deus.

## PERIGOS E CONFRONTAÇÕES NA ÁSIA (1:8–11)

Paulo começou 2 Coríntios abordando abstrações. A tribulação passou a fazer parte da vida dos apóstolos assim que eles aceitaram o amor de Deus propagado na Pessoa do Seu Filho, porém Deus não deixou nem os apóstolos nem os demais cristãos sozinhos. Ele permaneceu ao lado deles quando se depararam com oposição. Tendo Cristo ao seu lado em tempos de tribulação, Paulo experimentou a consolação que só Deus pode dar. Em 1:3, Paulo escreveu sobre o Deus de Israel, que é o “Pai de misericórdias” e “Deus de toda consolação”; mas não citou nenhum exemplo dessas misericórdias em 1:3–7. Simplesmente disse a seus leitores, com efeito: “Deus nos consolou em nossa tribulação” e “o conforto foi abundante em Cristo”. Ele associou os sofrimentos de Cristo que ele reviveu com a participação dele nos sofrimentos dos coríntios.

Depois de lançar o alicerce, guiado pelo Espírito, Paulo decidiu que estava na hora de se explicar mais detalhadamente. Agora, ele estava pronto para narrar abertamente as provações que sofrera na Ásia. Seus leitores haviam recebido apenas relatos orais do que sucedera com o apóstolo. E ele queria que sentissem o que ele sentiu quando se viu confrontado pela fúria da multidão a clamar em uníssono: “Grande é a Diana dos efésios” (Atos 19:28).

Em meio a essa fúria, Paulo havia recorrido à ferramenta mais confiável de seu arsenal: tentara tecer um raciocínio com a turba. Esses idólatras, acreditando que Paulo havia insultado a autopercibida honra de sua cidade, transformaram os cristãos em bodes expiatórios. Naquele instante, nem Paulo nem ninguém sabia quais seriam as consequências do tumulto que se armava. Ele queria que seus irmãos e irmãs em Corinto entendessem como ele teve medo nessa hora. Daí, então, entenderiam como foi sua consolação.

**<sup>8</sup>Porque não queremos, irmãos, que ignoreis a natureza da tribulação que nos sobreveio na Ásia, porquanto foi acima das nossas forças, a ponto de desesperarmos até da própria vida. <sup>9</sup>Contudo, já em nós mesmos, tivemos a sentença de morte, para que não confiemos em nós, e sim no Deus que ressuscita os mortos; <sup>10</sup>o qual nos livrou e livrará de tão grande morte; em quem temos esperado que ainda continuará a livrar-nos, <sup>11</sup>aju-**

**dando-nos também vós, com as vossas orações a nosso favor, para que, por muitos, sejam dadas graças a nosso respeito, pelo benefício que nos foi concedido por meio de muitos.**

**Versículo 8.** Paulo começou dizendo: **Porque não queremos, irmãos, que ignoreis a natureza da tribulação que nos sobreveio na Ásia.** Querendo se aprofundar na questão da tribulação, Paulo retomou o fato ocorrido em 1:8. “Ásia” aqui, tal como em qualquer outra citação do Novo Testamento, designa a província romana da Ásia. Era a primeira colônia de Roma ao leste do mar Egeu. Quando o rei de Pérgamo, Átalo III, morreu em 133 a.C., ele não tinha herdeiro. O rei não queria que seu reino se engajasse numa guerra civil após a sua morte. Vendo os sucessos militares e a influência crescente de Roma, entregou seu grande reino em forma de meia-lua, o qual é hoje a Turquia ocidental, para o Senado e o povo de Roma. Durante as primeiras décadas após se tornar romana, a província teve uma história turbulenta; suas fronteiras foram redesenhadas várias vezes. No entanto, com o tempo, a Ásia se estabeleceu vindo a ser uma das partes mais prósperas do Império Romano. Desde o início, ela era uma província proconsular, o que significa que o senado de Roma nomeava umas das dignidades proconsulares para governar a província pelo mandato de um ano. Nenhuma legião permanente ficava acampada nesse tipo de província. Éfeso era a cidade onde o procônsul tomava posse do seu cargo.

Paulo queria que seus leitores de Corinto soubessem que ele havia sofrido uma grande provação durante o tempo em que trabalhou na Ásia. Ele havia se deparado com a possibilidade real da morte, mas não descreveu a situação em detalhes. Tomando por base somente 2 Coríntios, poderíamos supor que Paulo foi acometido por alguma doença física grave. De acordo com uma tradição antiga, ele foi prisioneiro por um tempo em Éfeso. Alguns estudiosos da Bíblia defenderam a hipótese de que ele teria escrito Filipenses, ou talvez outras chamadas “epístolas da prisão” dessa cidade e nesse período.

Sem recorrermos ao registro de Atos, as palavras de Paulo evidenciam que ele incorreu em extremo perigo de vida na Ásia. Incluindo as informações fornecidas por Atos, podemos ter certeza de que o sofrimento deu-se principalmente em Éfeso. Ele havia escrito 1 Coríntios de Éfeso. A res-

peito de seu trabalho apostólico na Ásia e em outros lugares, ele escreveu: “E por que também nós nos expomos a perigos a toda hora?”, e acrescentou: “Dia após dia, morro!” (1 Coríntios 15:30, 31). O apóstolo disse que “em Éfeso”, o centro administrativo romano da província da Ásia, ele lutou “com feras” (15:32). Ainda que estivesse usando uma metáfora, os perigos que Paulo enfrentou nessa cidade devem ter sido fora da anormalidade.

O incidente na Ásia que prontamente nos vêm à memória, com base em Atos, é o instigado por Demétrio e os artífices. Atos não fornece detalhes desse motim que pôs em perigo a vida de Paulo; o relato é conciso. Sem dúvida, foi o incidente registrado em Atos 19:23–41 que levou Paulo a escrever sobre “a tribulação que nos sobreveio na Ásia”. Paulo disse aos coríntios: **porquanto foi acima das nossas forças, a ponto de desesperarmos até da própria vida.** Mesmo sendo breve, o relato de Atos evidencia que Paulo poderia ter sido capturado e morto pela turba a qualquer momento. Pode ser que o apóstolo tenha até presenciado amigos serem espancados ou mortos. As experiências de Paulo na Ásia, sobretudo em Éfeso, parecem ter sido as mais traumáticas (Atos 19:23–41). Esse ex-perseguidor da igreja do Senhor não era um novo comer à turbulência, como vemos em sua lista dos perigos que ele enfrentou em 2 Coríntios 11:23–27. Ao escrever 2 Coríntios, Paulo revelou que os eventos recém-ocorridos em Éfeso haviam deixado nele um efeito prolongado.

**Versículo 9.** Empregando o pronome enfático “nós mesmos” (αὐτοὶ, *autoi*)<sup>6</sup>, Paulo declarou: **Contudo, já em nós mesmos, tínhamos a sentença de morte.** Mesmo sendo um apóstolo escolhido, sempre que a ocasião exigiu, Paulo teve de aprender a confiar em Deus. Assim como foi necessário a muitos outros cristãos, Paulo e seus companheiros aprenderam esta lição: **que não confiemos em nós mesmos, e sim no Deus que ressuscita os mortos.** A situação na Ásia estava tão terrível que Paulo perdeu a esperança de sobreviver. Ele parecia aceitar o fato de que estava prestes a morrer. Por fim, Deus o libertou e Paulo aprendeu a confiar mais em Deus. James D. G. Dunn salientou: “Toda a vida do crente como crente é vivida na sobreposição das eras, dentro da tensão escatológica entre

<sup>6</sup>Ocorrem dois pronomes reflexivos juntos, que se intensificam mutuamente, na expressão αὐτοὶ ἐν ἑαυτοῖς, *autoi en heautois*.

Adão e Cristo, entre a morte e a vida”<sup>7</sup>. E ele prosseguiu dizendo:

Por todos os séculos sempre houve o perigo de se confundir os meios de se viver *nessa* tensão com os meios de de *fugir* dela... Precisamente porque os crentes ainda estão, num sentido, na carne, não totalmente livres do poder do pecado e da morte, podem desfrutar do poder da ressurreição de Cristo somente como poder na fraqueza, somente como participantes dos sofrimentos de Cristo e somente como vida na morte e através da morte.<sup>8</sup>

Mais tarde, nessa mesma carta, Paulo disse que ele se gabava na sua fraqueza. Ele descobriu que era mais forte quando confiava em Deus (12:9, 10). O Deus que ressuscitou Jesus dos mortos tirou Paulo do risco de morte, em certo sentido, ressuscitando-o do que ele pensara ser com certeza o fim de sua vida na terra. Em circunstâncias tão ameaçadoras, Paulo viu a vontade de Deus operando. Ele viu bênçãos surgindo do meio da confusão e do medo. A. E. Harvey fez o seguinte comentário:

Pela primeira vez em suas cartas disponíveis a nós, e possivelmente pela primeira vez em toda a literatura filosófica e religiosa do Ocidente, encontramos a experiência do sofrimento involuntário e inocente revestida de valor positivo e significado *em si mesma*.<sup>9</sup>

**Versículo 10.** Ainda empregando o pronome da primeira pessoa do plural, Paulo expressou gratidão a Deus, **o qual nos livrou e livrará de tão grande morte**. Ele estava confiante de que Deus, **em quem tinham esperado ainda continuaria a livrá-los** do perigo. Usando o verbo no tempo perfeito em grego (εἰς ὃν ἠλπικαμεν, *eis hon ēlpikamen*, que significa “em quem temos esperado”), ele declarou que depositara constantemente a sua esperança de livramento em Deus. De sua parte, Paulo faria o que Deus o havia comissionado para fazer. Em surgindo perigo, ele confiaria no livramento de Deus.

A força que Paulo encontrou é notável. Ele acabara de passar por uma provação que poderia ter lhe custado a vida. Quando partiu dali, é possível que as igrejas em Éfeso e na Ásia tenham ficado tomadas de medo. Além disso, as coisas não estavam

<sup>7</sup>James D. G. Dunn, *The Theology of Paul the Apostle*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1998, pp. 495–96.

<sup>8</sup>Ibid.

<sup>9</sup>A. E. Harvey, *Renewal Through Suffering: A Study of 2 Corinthians*, Studies of the New Testament and Its World. Edimburgo: T & T Clark, 1996, p. 31.

indo bem em Corinto. O apóstolo sentia o peso da responsabilidade de conduzir as pessoas que ele batizara em Cristo. Mais tarde, ele escreveria: “... há o que pesa sobre mim diariamente, a preocupação com todas as igrejas” (2 Coríntios 11:28). Mesmo sendo um pregador bem-sucedido, Paulo devia imaginar se o seu trabalho não seria em vão. A esperança no Deus que o libertou no passado era o que o sustinha. Atos conta o restante da história: esse fiel missionário continuaria a enfrentar perigos, prisões e ameaças de morte nos próximos anos.

Em face à incerteza que se apoderou dele, o apóstolo declarou que sua esperança estava em Deus. Muito antes do seu tempo, os salmistas traduziram em palavras os clamores desesperados dos sofredores. Ao exemplo de muitos que o antecederam e muitos que o sucederiam, Paulo pôde encontrar conforto em palavras como estas: “No meu leito, quando de Ti me recordo e em Ti medito, durante a vigília da noite. Porque Tu me tens sido auxílio; à sombra das Tuas asas, eu canto jubiloso” (Salmos 63:6, 7). Ele tinha certeza de que Deus o livraria novamente, como já o fizera no passado.

**Versículo 11.** Paulo não queria que os coríntios se esquecessem da parceria que tinham juntos no evangelho. Ser cristão significa viver ativamente numa comunidade de crentes. Ele estava convencido de que o fato de os **ajudarem com suas orações** faria diferença no resultado de seu trabalho. A frase estranha nesse versículo parece refletir a luta do escritor para expressar o compromisso que ele tinha em comum com os coríntios. Graças, disse ele em 1:11b, seriam dadas **por muitos**, literalmente, “muitas faces” (ἐκ πολλῶν προσώπων, *ek pollōn prosōpōn*). Esse dar **graças** seria **a nosso respeito, pelo benefício que nos foi concedido por meio de muitos**, ou como reeditou a NAA: “por meio da súplica de muitos”.

Paulo se recusou a assumir toda a responsabilidade pela prosperidade das igrejas e por levar os perdidos a conhecer o Senhor. Deus estava trabalhando juntamente com ele, assim como os cristãos de Corinto. Talvez ele quisesse lembrar não só os irmãos, mas também a si mesmo de que o trabalho não estava todo sobre os seus ombros. Cristãos de Corinto e de outros lugares estavam carregando o mesmo jugo, e Deus agia em parceria com eles. Os coríntios ajudaram oferecendo orações pelo apóstolo, e Deus atendeu-lhes as súplicas. A súplica é só uma parte da oração. Depois de Deus ouvir os



pedidos e atendê-los, os crentes devem dar graças pelas bênçãos. O apóstolo era grato pelas orações dos cristãos de Corinto, Éfeso e da Macedônia. Deus estava abençoando seu trabalho em resposta às orações de muitos.

### “COM SANTIDADE E SINCERIDADE DE DEUS” (1:12-16)

Comparando a primeira carta aos coríntios com a segunda, percebe-se que os oponentes de Paulo se tornaram mais eloquentes e influentes. O apóstolo precisou comprovar sua fidedignidade, sinceridade e confiabilidade diante dos ataques desferidos contra o seu caráter. Ecoando a explicação sobre o seu modo de pregar e ensinar entre eles registrada em 1 Coríntios 2:1-5, o apóstolo insistiu que ele tinha ido até os coríntios sem intenções ocultas nem um discurso inteligente. Ele não tentou usá-los em benefício próprio.

Paulo estava ciente de que sua mensagem deveria ser confirmada por sua própria integridade. A veracidade do que ele dizia, até certo ponto, seria avaliada pelo parecer da igreja sobre a sua pessoa. Era necessário que ele contrastasse sua mensagem com o que seus oponentes haviam dito e também se apresentasse de tal forma que os coríntios conseguissem perceber a bondade de Cristo nele. Esta é uma das tarefas que os pregadores do evangelho não ousam esquecer.

**<sup>12</sup>Porque a nossa glória é esta: o testemunho da nossa consciência, de que, com santidade e sinceridade de Deus, não com sabedoria humana, mas, na graça divina, temos vivido no mundo e mais especialmente para convosco. <sup>13</sup>Porque nenhuma outra coisa vos escrevemos, além das que ledes e bem compreendeis; e espero que o compreenderéis de todo, <sup>14</sup>como também já em parte nos compreendestes, que somos a vossa glória, como igualmente sois a nossa no Dia de Jesus, nosso Senhor.**

**Versículo 12.** Na NVI, o texto começa assim: “Este é o nosso orgulho”. É questionável se a ARA contém a melhor tradução da frase Ἡ γὰρ καύχησις ἡμῶν αὐτῇ ἐστίν (*Hē gar kauchēsis hēmōn hautē estin*): **Porque a nossa glória é esta.** Tanto “a nossa glória” quanto “o nosso orgulho” sugerem um tipo de arrogância presunçosa que a palavra grega καύχησις (*kauchēsis*, “vanglória”) não necessariamente comunica.

“Orgulho” soa mais pesado na dimensão psicológica do que na dimensão social. O orgulho brota de uma disposição interior. O termo grego tende a ser o contrário: orgulhar-se é apresentar-se perante o outro esperando por aprovação. Nem este versículo nem 1:14 elogiam o orgulho, no sentido geralmente empregado na língua portuguesa. A **consciência** de Paulo era testemunha de que ele se comportara apropriadamente e continuava a agir **com santidade e sinceridade de Deus**. Paulo estava afirmando que tinha certeza de que os cristãos coríntios iriam testemunhar a sua autoavaliação.

Em conformidade com sua consciência, Paulo apresentara uma mensagem direta, transparente, e esperava que essa verdade fosse consolidada pelo testemunho dos coríntios. O Deus único da criação havia redimido os seres humanos do pecado ao enviar um Salvador na Pessoa de Seu Filho Jesus Cristo. Jesus morreu em fraqueza na cruz como propiciação pelo pecado (Romanos 3:25), e Deus proclamou-o o Cristo pela ressurreição dos mortos (Romanos 1:4). Jesus Cristo agora reinava sobre a Sua igreja, à direita de Deus (Efésios 1:20). Deus agiu pela graça; a resposta humana à Sua graça era a fé (Efésios 2:8). Devidamente entendida, a fé em Deus resultou na obediência dos ouvintes de Paulo. Servindo como porta-voz de Cristo, ele não incluiu em sua mensagem nenhum estratagema ou **sabedoria humana. No mundo e mais especialmente para convosco**, isto é, em relação aos crentes de Corinto, a mensagem de Paulo e sua conduta haviam sido **na graça divina**.

Uma sensação legítima de realização preenche o indivíduo que age bem e se coloca a serviço do outro. A consciência de Paulo dava-lhe motivos para tamanha autoconfiança. Era por isso que ele dava glória. Paulo usou a palavra “consciência” mais do que qualquer outro autor do Novo Testamento. A consciência não é o padrão máximo para a retidão dos nossos atos, mas nada pode estar certo sem uma boa consciência. No mundo do primeiro século, “consciência” não significava simplesmente uma voz interior. Era a percepção individual do que os outros pensavam de seu comportamento. A consciência é uma qualidade humana desenvolvida no contexto de uma comunidade. Por essa razão, Paulo pôde dizer que andava “com toda a boa consciência” (Atos 23:1), embora tivesse até perseguido os cristãos.

Consciência foi o tema abordado por Jesus,

quando disse: “Nada há encoberto que não venha a ser revelado; e oculto que não venha a ser conhecido” (Lucas 12:2). Também foi o assunto de Horácio, o romano das epístolas quase contemporâneo de Jesus, quando escreveu: “Que seja um muro de bronze, nada de que se acusar, culpa alguma a empalidecer”<sup>10</sup>. Foi o assunto de Paulo, quando disse: “...vós todos sois filhos da luz e filhos do dia; nós não somos da noite, nem das trevas” (1 Tessalonicenses 5:5). Paulo compareceu perante a igreja em Corinto confiante de que suas ações haviam sido louváveis. Ele se comportava dessa maneira perante todos, mas estava especialmente atento à sua conduta entre os coríntios.

Paulo iniciou, então, em 1:12, uma defesa de seu caráter. Ele estava ciente de que, sendo um líder espiritual, havia de se ater à maneira como era percebido pelos outros. Pode ser que acusações específicas, relatadas ao apóstolo por Tito, estivessem por trás de algumas de suas observações. Paulo queria que todos soubessem que ele nunca tentou manipular ou usar as pessoas em benefício próprio. Assim como fez anteriormente, Paulo desmentiu qualquer sabedoria pretenciosa semelhante ao que predominava entre os mercadores gregos (2:17; veja 1 Coríntios 2:1, 2); mas cópias antigas da carta diferem quanto à escolha exata de certas palavras. Alguns manuscritos trazem *ἀγιότητι* (*hagiotēti*, “com santidade”), termo que em outros manuscritos é *ἀπλότητι* (*haplotēti*, “em sinceridade” ou “em generosidade”).

**Versículo 13.** A declaração: **Porque nenhuma outra coisa vos escrevemos, além das que ledes e bem compreendeis** pode sinalizar alguma escolha desafortunada de palavras numa carta anterior de Paulo (2:4). Ele estava pronto para retratar palavras específicas se necessário, mas queria que os coríntios soubessem que ele usara de sinceridade e nenhuma maldade, em todas as suas correspondências. Ele tinha sido franco a respeito da conduta desaprovada por Deus a ponto de exigir arrependimento (1 Coríntios 1:10; 3:1; 5:1; 6:15). Jamais usou de bajulação como ferramenta de manipulação para ganhar seguidores em Corinto. Esperava que os coríntios concordassem. Eles conheciam seu coração. Alguns até poderiam julgar que ele fora severo demais ao exigir pureza moral ou rejeitar a idolatria, mas não poderiam acusá-lo de pregar o evangelho em benefício próprio.

<sup>10</sup> Horácio, *Epístola I.1* [60].

É perfeitamente possível que Paulo tenha escrito sua autodefesa em resposta às acusações que ele sabia terem sido feitas contra ele por oponentes em Corinto. Alguns o acusaram de ter duas caras, de falar de uma maneira quando estava presente, mas de outra nas cartas. Paulo afirmou que o que leram e entenderam era a mesma mensagem que ele sempre pregou: **Espero que o compreenderéis de todo.** O fim dos tempos sempre esteve na sua mente. Ele estava ciente de que o Senhor reinando à direita de Deus voltaria em breve. A integridade moral exigida pelo apóstolo baseava-se na expectativa de que todos comparecerão perante o tribunal de Cristo.

No Novo Testamento, a volta do Senhor (o fim dos tempos) não é uma questão de mera especulação. A conscientização do fim evoca uma vida piedosa no presente. Nós, cristãos, devemos sempre viver com os olhos fitos no horizonte da eternidade. A espera da volta do Senhor é um lembrete de que as ambições humanas duram pouco e logo se dissipam (Tiago 4:14).

**Versículo 14.** O bom relacionamento de Paulo com os irmãos de Corinto provavelmente não se devia tanto à carta de 1 Coríntios quanto à carta que ele tinha escrito mais recentemente. No capítulo 7, o apóstolo vai expressar mais preocupação com a maneira como os coríntios receberam essa carta (7:8, 9); por ora, ele se conteve. O reconhecimento **como também já em parte nos compreendestes** sugere que, em algum momento, a igreja o entendeu mal. Haviam compreendido somente parcialmente o que a carta pretendia comunicar. Por falta de compreensão, alguns se aliaram aos oponentes de Paulo quando estes o criticaram. Se compreendessem melhor, confiariam em Paulo tanto quanto ele confiava neles.

Paulo continuou: **que somos a vossa glória, como igualmente sois a nossa.** Pela segunda vez na passagem, uma flexão da palavra *kauchēsis*, traduzida por “orgulho”, é usada (veja 1:12). O termo significa “vangloriar-se, orgulhar-se”. Paulo parecia imaginar-se diante do Senhor, na Sua volta, acompanhado de seus convertidos. Ele os ofereceria com alegria ao Senhor (compare 3:2, 3; 11:2). O apóstolo queria desfrutar de uma jubilosa unidade com os coríntios no fim dos tempos, **no dia de Jesus, nosso Senhor.** Cabe aos estudantes da Bíblia atentar para a distinção entre “último dia” e “últimos dias”. Os cristãos vivem nos “últimos dias” (Hebreus 1:2). O “último dia” será “o dia da

salvação” (2 Coríntios 6:2), o dia em que “todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo” (2 Coríntios 5:10), “o dia de Jesus, nosso Senhor”.

<sup>15</sup>Com esta confiança, resolvi ir, primeiro, encontrar-me convosco, para que tivésseis um segundo benefício; <sup>16</sup>e, por vosso intermédio, passar à Macedônia, e da Macedônia voltar a encontrar-me convosco, e ser encaminhado por vós para a Judeia.

**Versículo 15.** Paulo mudou a voz do discurso do pronome da primeira pessoa no plural (“nós”), em 1:15, para a primeira pessoa do singular (“eu”). Ele disse: “Resolvi”. A posição pessoal do apóstolo perante a igreja de Corinto estava em questão. A **confiança** dele consistia em um nível de lealdade mútua entre ele e os cristãos de Corinto. Paulo entendia as preocupações dos coríntios e eles reconheciam a “santidade e sinceridade de Deus” (1:12) com a qual o apóstolo lhes pregara a mensagem de Cristo.

Paulo planejava fazer uma nova visita a Corinto certo de que ele e aqueles irmãos tinham o mesmo entendimento. Ambos esperavam que quando “o dia de Jesus, nosso Senhor” (1:14) despontasse, encontrariam um no outro uma “confiança” mútua. Em 1:12, o substantivo grego *kauchēsis* é traduzido por “glória” (“orgulho”; NVI). Dependendo do contexto, a palavra significa “vangloriar-se”. Em 1:15, “confiança” traduz *πεποιθήσει* (*pepoithēsei*), uma palavra que significa “confiança”. A intenção inicial de Paulo era viajar para o norte até Macedônia e depois até Corinto, mais uma vez antes de ir para a Judeia. Os acontecimentos subsequentes – alguns em Corinto e outros em Éfeso – obrigaram o apóstolo a alterar esses planos.

Os oponentes de Paulo o acusavam de duplicidade porque ele mudou duas vezes seu plano de visitar Corinto a caminho da Judeia. Essa alteração, para nós, pode parecer insignificante; mas, para os coríntios, gerou desconfiança, apesar de terem sido forçadas por circunstâncias terríveis. Em 12:14 e 13:1, Paulo indicou que seu plano era vir a Corinto uma terceira vez. Fundamentando-se nos planos anteriores de Paulo, de **ir, primeiro**, a Corinto, seus oponentes provavelmente incitaram os coríntios a não se surpreenderem, se alguma outra “emergência” fizesse o pregador Paulo cancelar seus planos mais uma vez.

O propósito de planejar duas visitas era que os

irmãos tivessem **um segundo benefício**. Cópias antigas do texto grego fornecem evidências sólidas de que, em vez de ἵνα δευτέρων χάριν σχῆτε (*hina deuteran charin schēte*, “para que tivésseis um segundo benefício” ou “uma segunda graça”), as palavras de Paulo eram de fato ἵνα δευτέρων χάραν σχῆτε (*hina deuteran charan schēte*), que significa “para que tivésseis uma segunda alegria”. Mais adiante na carta, Paulo usou a palavra *charis*, “graça”, para a coleta que ele estava fazendo em auxílio aos pobres de Jerusalém (8:1, 7). É possível que os adversários de Paulo o acusassem de decidir visitar Corinto novamente somente com o propósito de pedir contribuições financeiras para o seu projeto especial. Podem até ter insinuado que ele desviaria a verba arrecadada para beneficiar a si mesmo. Paulo tomou providências especiais para não ser exposto a tais acusações (8:19, 20).

**Versículo 16.** A crítica contra Paulo pode ter sua origem nos duplos adiamentos forçados de seus planos. Em 1 Coríntios 16:5, ele disse à igreja que planejava ir para a Macedônia primeiro e depois ir até eles. Aparentemente, esses planos foram alterados (talvez durante a triste visita; veja 2 Coríntios 2:1), e o apóstolo resolveu visitar Corinto duas vezes (**passar à Macedônia, e da Macedônia voltar a encontrar-me convosco**). O trajeto até a Macedônia e de volta até Corinto faria parte do plano da coleta especial para os pobres da Judeia. Circunstâncias adversas na Ásia, talvez acompanhadas de uma preocupação com que a igreja de Corinto perdesse a confiança no apóstolo, obrigaram-no a voltar para os planos descritos em 1 Coríntios 16:5, ou seja, viajar primeiro para a Macedônia a caminho de Corinto.

A frase **e ser encaminhado por vós para a Judeia** deixa claro que Paulo esperava que os coríntios contribuíssem financeiramente com sua viagem para a Judeia. Essa expectativa contrasta com a recusa em permitir que a igreja de Corinto contribuísse com o seu ministério (veja 1 Coríntios 9:12; 2 Coríntios 12:13). Ele não aceitaria sustento financeiro da igreja em Corinto, mas almejava que eles providenciassem fundos para sua viagem até a Judeia. Alguns coríntios podem ter julgado essa atitude incoerente, usando esse pretexto como motivo para criticá-lo.

#### **SELADOS POR DEUS (1:17–22)**

Aos coríntios que queriam acusar Paulo de tirar vantagem dos cristãos em benefício próprio,

Paulo respondeu alegando ser um agente de Deus. Ele se empenhou totalmente para ser exemplo do comportamento aprovado por Deus diante deles. Se dessem um passo para trás e olhassem objetivamente para a conduta de Paulo entre eles, concluiriam que ele foi fiel às incumbências que Deus lhe confiou. Paulo agiu como irmão e professor entre os coríntios; tanto ele como os coríntios estavam unidos pelas promessas de Deus. Havia sido igualmente selados pelo Espírito Santo. Aqueles que o acusavam de vacilar tinham suas próprias intenções. À medida que as circunstâncias mudaram, o apóstolo viu-se obrigado a refazer os planos. No entanto, ele estivera com os cristãos de Corinto desde o início da profissão de fé de cada um. A presença do apóstolo foi um modelo constante da fidelidade de Deus. Não havia nele “o sim e o não”; tampouco cometera ele alguma incoerência egoísta.

**<sup>17</sup>Ora, determinando isto, terei, porventura, agido com leviandade? Ou, ao deliberar, acaso delibero segundo a carne, de sorte que haja em mim, simultaneamente, o sim e o não? <sup>18</sup>Antes, como Deus é fiel, a nossa palavra para convosco não é sim e não. <sup>19</sup>Porque o Filho de Deus, Cristo Jesus, que foi, por nosso intermédio, anunciado entre vós, isto é, por mim, e Silvano, e Timóteo, não foi sim e não; mas sempre nEle houve o sim. <sup>20</sup>Porque quantas são as promessas de Deus, tantas têm nEle o sim; porquanto também por Ele é o amém para glória de Deus, por nosso intermédio. <sup>21</sup>Mas aquele que nos confirma convosco em Cristo e nos ungiu é Deus, <sup>22</sup>que também nos selou e nos deu o penhor do Espírito em nosso coração.**

**Versículo 17.** Paulo rejeitou veementemente as críticas que ele sabia que haviam levantado contra a sua pessoa. É possível que Tito tenha relatado pessoalmente algumas dessas acusações. **Ou, ao deliberar, acaso delibero segundo a carne...?** Os oponentes acusavam Paulo de mudar de ideia sem motivo, independentemente dos compromissos que ele havia assumido. Ele disse aos cristãos de Corinto que logo voltaria para a cidade, mas não o fez. Paulo, segundo seus inimigos, era como qualquer pessoa mundana que agia movida por caprichos pessoais, dizendo: **simultaneamente... sim e ... não.** (Veja uma expressão semelhante em Tiago 5:12.) Ele havia dito que passaria por Corinto a caminho da Macedônia, mas não o fez. As promessas

de Paulo pareciam aos seus críticos feitas “segundo a carne”, isto é, para sua própria conveniência.

O apóstolo não ignorou essa crítica, como se fosse um ato inofensivo. Ele sabia que sua mensagem e sua reputação estavam inseparavelmente interligadas. A pergunta que ele fez usando a partícula<sup>11</sup> μήτι (*mēti*, “acaso”) implicava uma resposta negativa. A NTLH optou por exprimir esse sentido nos seguintes termos: “Será que, ao fazer os meus planos, penso somente nos meus próprios interesses e por isso digo ‘sim, sim’ e ‘não, não’ ao mesmo tempo?” Paulo insistiu que não havia mudado de ideia sobre visitar Corinto de maneira descuidada. Ele falou abertamente como um homem honesto. Muitas vezes, circunstâncias inesperadas impossibilitam a execução de planos e os críticos de Paulo precisavam admitir essa realidade.

**Versículo 18.** Colocando-se sob juramento perante seus caluniadores, Paulo afirmou que, tão certo **como Deus é fiel**, ele não tinha alterado levemente sua decisão de “sim” para “não”. No tocante àquela questão, os coríntios precisavam entender que a confiabilidade do apóstolo estava ligada à sua fé em Deus. Era importante para Paulo que os cristãos de Corinto o considerassem verdadeiro. A declaração de Paulo foi enfática: **A nossa palavra para convosco não é sim e não.** Ele não estava falando como um homem de mente dúbia. Em 1:17, os pronomes da primeira pessoa estão no singular (“eu”, “mim”), aqui estão no plural novamente (“nossa”). Paulo não foi o único que levou o evangelho aos coríntios; ele não estava sozinho quando prometeu visitá-los. A integridade de Paulo e de seus companheiros eram inseparáveis.

Paulo usou uma fórmula de juramento para atestar suas palavras, assim como fez em outras ocasiões (Romanos 1:9; 2 Coríntios 1:23; Gálatas 1:20; Filipenses 1:8). Como devemos entender o uso de Paulo de uma fórmula de juramento à luz da declaração de Jesus em Mateus 5:34 e das palavras em Tiago 5:12? Aparentemente, a preocupação de Jesus e de Tiago era que um discípulo não enganasse os outros com jogos de palavras. Parecia que os líderes religiosos contemporâneos a Jesus supunham ser mais importante falar a verdade sob juramento do que em outras ocasiões. Os discípulos de Jesus não precisavam jurar pelo templo,

<sup>11</sup> “μή é a partícula de *negação qualificada*... Em perguntas μή (ou μήτι) implica que a resposta esperada é ‘não’” (H. E. Dana e Julius R. Mantley, *A Manual Grammar of the Greek New Testament*. Nova York: The MacMillan Company, 1927, p. 265).

pelos céus, ou por qualquer outra coisa para que confiassem que estavam dizendo a verdade. Da mesma forma, Paulo a todo o tempo disse a verdade. Ainda assim, ele precisou ser realista; seus inimigos o acusava de egoísmo, de usar a verdade quando lhe fosse conveniente.

Jesus disse: “Eu, porém, vos digo: de modo algum jureis; nem pelo céu, por ser o trono de Deus; nem pela terra, por ser estrado de seus pés; nem por Jerusalém, por ser cidade do grande Rei” (Mateus 5:34, 35). Há quem acredite que essas palavras significam que os cristãos estão proibidos de jurar com as mãos sobre a Bíblia perante um tribunal. Paulo demonstrou em 1:18 que há determinados momentos em que convém ao crente afirmar solenemente que está dizendo a verdade. O que, então, Jesus estava proibindo? O Senhor teria ficado descontente com Paulo, se ele tivesse enganado os cristãos de Corinto falando sem empenhar sua palavra e se tivesse falado a verdade somente sob juramento. Jesus ensinou que juramentos e votos são desnecessários. Em um tribunal, um cristão deve falar a mesma verdade independentemente de ter se declarado sincero. Colocar a mão sobre a Bíblia e prometer dizer somente a verdade é uma formalidade da lei, e não um estratagema cujo fim é preparar o cristão para dizer a verdade.

**Versículo 19.** A implicação de Paulo era que alguns coríntios estavam participando de críticas mesquinhas e tolas. O apóstolo tinha um relacionamento com os coríntios que remontava à época em que o evangelho fora proclamado na cidade por ele, Silas e Timóteo (Atos 18:5). Os cristãos Coríntios tinham tido experiências suficientes com Paulo para conhecer seu caráter. Eles poderiam dar testemunho da inquestionável integridade do apóstolo. A seriedade da missão de Paulo, sua proclamação de Cristo, não permitia que seus motivos fossem questionados, quando ele precisou alterar os planos de viagem. Os críticos de Paulo pareciam não levar em conta o fato de que ele alterou os planos somente porque correu risco de morte em Éfeso. **Porque o Filho de Deus, Cristo Jesus, que foi, por nosso intermédio, anunciado entre vós** era um lembrete aos leitores de Paulo de que ele e seus companheiros foram modelos de integridade desde quando foram a Corinto pela primeira vez. O passado atestava a sinceridade do comportamento de Paulo.

A grafia **Silvano** nunca ocorre em Atos, e nas cartas de Paulo esse nome nunca é grafado

“Silas”<sup>12</sup>. Uma comparação entre os episódios registrados em Atos e as alusões de Paulo aos mesmos episódios em suas cartas evidencia que “Silvano” e “Silas” eram a mesma pessoa. Provavelmente esse foi o homem que transcreveu a carta de Pedro às igrejas nas cinco regiões da Ásia Menor (1 Pedro 1:1), ou talvez foi o mensageiro que levou a carta (1 Pedro 5:12).

“Silvano” era o nome de um deus romano que guardava as terras não cultivadas nas extremidades dos campos. Os romanos o associavam às florestas, o que deu origem ao nome “Transilvânia”, que significa “a região além da floresta”. Quando os agricultores romanos limpavam novas terras, edificavam um monumento ao deus Silvano e ali ofereciam sacrifícios. Tudo indica que Silvano, companheiro de viagem de Paulo, era judeu (veja Atos 15:32), e era incomum um judeu ter o nome de um deus romano. Talvez seja por isso que Lucas sempre o chamou de “Silas”. No entanto, um judeu helenista que desse o nome de “Silvano” ao filho não estaria honrando o deus romano, assim como, hoje, alguém que desse o nome de “Diana” a uma filha não estaria honrando uma deusa. Nomes como “Tíquico” (de Tique, o deus do acaso; veja Colossenses 4:7), “Hermes” (Romanos 16:14) e muitos outros remetiam a divindades comumente veneradas no mundo greco-romano.

Silvano/Silas juntou-se a Paulo na segunda viagem missionária, após percorrer o trajeto de Jerusalém a Antioquia (Atos 15:32, 40). Fazia sentido um judeu helenista ser o portador da carta que saiu da igreja de Jerusalém para uma igreja gentia, especialmente porque ela dizia respeito aos gentios precisarem ou não ser circuncidados para serem salvos (veja Atos 15:1). **Timóteo** juntou-se aos dois missionários logo após partirem (Atos 16:1–3). Timóteo e Silas ficaram para trás para servir as igrejas na Macedônia, enquanto Paulo ia para Atenas e depois para Corinto (Atos 17:15); ambos se incluíram na saudação de Paulo nas cartas tessalonicenses (1 Tessalonicenses 1:1; 2 Tessalonicenses 1:1). Eles também se juntaram a Paulo em Corinto, onde os três edificaram ainda mais a igreja (Atos 18:5). A integridade deles era impecável. O evangelho pregado pelos três não era **sim e não, mas sim** em Cristo.

---

<sup>12</sup> Barnett defendeu que “Silas” é uma adaptação grega do nome “Saulo”, latinizado para “Silvano”; porém, nossa opinião é que ele estava equivocado. (Barnett, p. 106, n. 17.)

**Versículo 20.** Paulo não poderia mencionar a fidelidade de Deus e a fidedignidade dele próprio entre os coríntios sem fazer uma digressão de cunho doutrinário: **quantas são as promessas de Deus, tantas têm nEle o sim.** Deus sempre foi fiel às Suas promessas, e Paulo não medira esforços para seguir Seu exemplo de fidelidade. Alguns meses depois, o apóstolo escreveria aos cristãos em Roma: “Digo, pois, que Cristo foi constituído ministro da circuncisão, em prol da verdade de Deus, para confirmar as promessas feitas aos nossos pais” (Romanos 15:8). Moisés perguntara retoricamente: “Porventura, tendo Ele prometido, não o fará? Ou, tendo falado, não o cumprirá?” (Números 23:19).

As queixas mesquinhas dos críticos a respeito dos planos de viagem de Paulo deveriam ser vistas da perspectiva mais ampla da fidelidade de Deus. Paulo era o representante de Deus, Seu apóstolo chamado. O trabalho de Paulo em sua totalidade era parte do “sim” geral de Deus. Os coríntios se uniram em parceria com Paulo para cumprir os propósitos de Deus em Cristo. Juntamente com esses irmãos, o apóstolo poderia dizer: **porquanto também por Ele é o amém para glória de Deus, por nosso intermédio.** Considerando a fé comum partilhada por Paulo e os coríntios, era uma insensatez não tolerar uma mudança nos planos de viagem.

**Versículo 21.** Paulo desafiou os leitores a voltar a mente para os ideais mais nobres em que sua fé fora fundamentada: **Mas aquele que nos confirma convosco em Cristo e nos ungiu é Deus.** Deus estabeleceu, por meio de Cristo, um relacionamento firme entre Paulo e seus companheiros de trabalho e os coríntios (ὁ δὲ βεβαιῶν ἡμᾶς σὺν ὑμῖν, *ho de bebaiōn hēmas sun humin*, “aquele que nos confirma convosco em Cristo”). O mais importante é que Deus ungiu Paulo e os coríntios para o trabalho; eles foram designados por Deus.

Exatamente que tipo de unção ele havia recebido, o apóstolo não especificou. Todavia, ele escolheu o verbo *χρίω* (*chrīō*, “ungir”), que tem a mesma raiz que a palavra “Cristo”. Talvez tenha sido uma brincadeira intencional com o nome “Cristo”, em outras palavras, “o ungi-do”. Deus ungiu o apóstolo para a obra que o incumbiu, assim como ungiu Jesus para ser o Cristo.

Outra possibilidade seria que Paulo quis fazer uma referência à unção com o Espírito que acompanha a salvação. A palavra “ungir” não é usada

na conclusão do sermão de Pedro em Atos 2:38, mas a promessa da salvação acompanhada pela dádiva do Espírito é uma ideia semelhante. Se, nesta passagem, ungiu referir-se metaforicamente ao batismo dos crentes, este será o único caso no Novo Testamento em que o batismo é descrito como uma unção. Ainda assim, o conceito não deve ser descartado levemente por causa de sua singularidade. C. K. Barrett citou o comentarista alemão Erich Dinkler da seguinte maneira: “O que Paulo quer dizer é que o batismo é uma transação de um tipo legal que une a pessoa recém-batizada com todo o resto dos batizados, por meio da qual o próprio Deus estabelece todos em Cristo...”<sup>13</sup>

Paulo lutou muito para impedir que o corpo de Cristo em Corinto se degenerasse em muitas facções que criticassem as deficiências umas das outras. A unidade em Cristo, insistiu ele, se fundamentava em coisas mais nobres. Manter o alvo de cumprir o plano de Deus blindaria a igreja de brigas que, de outro modo, envenenariam o corpo.

**Versículo 22.** Na época do Novo Testamento, colocava-se geralmente um selo num documento ou objeto para indicar a quem ele pertencia. Deus **nos selou**, disse Paulo, como Seu povo. Ele também **nos deu o penhor do Espírito em nosso coração.** A palavra ἀρραβών (*arrabōn*, “penhor” ou “garantia”) é a transliteração da Septuaginta (LXX)<sup>14</sup> do hebraico עֲרָבוֹן (*‘erabon*), usado em Gênesis 38:18 para os artigos pessoais que Judá deixou com Tamar como garantia de que ele lhe mandaria o pagamento<sup>15</sup>. É um vocábulo raro no Antigo Testamento, mas Paulo escolheu esse termo para descrever a função do Espírito Santo na vida de um crente.

Paulo usou a palavra hebraica equivalente ao penhor de Judá, transliterada para o grego como *arrabōn*, três vezes, a fim de pintar um quadro da função do Espírito Santo na vida dos cristãos (1:22; 5:5; Efésios 1:14). Romanos 8:23 fala das “primícias

<sup>13</sup> C. K. Barrett, *The Second Epistle to the Corinthians*, Harper’s New Testament Commentaries. Nova York: Harper & Row, 1973, p. 80. Barrett citou um ponto de vista expresso por Erich Dinkler (*Theologia Crucis—Signum Crucis*) e outros. Embora discorde do ponto de vista exagerado, ele admitiu que ele contém “uma dose de verdade importante”.

<sup>14</sup> A Septuaginta, ou LXX, é a tradução grega do Antigo Testamento hebraico em uso contemporâneo entre os judeus de língua grega no período do Novo Testamento. Ela foi feita por judeus em Alexandria, Egito, por volta do ano 200 a.C. Jesus e os apóstolos citaram textos dessa tradução.

<sup>15</sup> Veja mais sobre o “penhor” que Judá entregou a Tamar no artigo *O Espírito Santo como Penhor*, p. 17.

do Espírito”, um conceito semelhante em significado ao papel do Espírito como um *arrabōn*. O fato de Paulo chamar o Espírito de *arrabōn* nos ajuda a compreender a ação do Espírito.

O apóstolo falou da presença objetiva do Espírito dentro dos crentes da mesma maneira que ele poderia ter falado do braço ou da língua de um cristão. Escrevendo aos Gálatas, ele expôs uma argumentação que partia da premissa da presença do Espírito entre eles: “Quero apenas saber isto de vós: recebestes o Espírito pelas obras da lei ou pela pregação da fé?” (Gálatas 3:2). Ter recebido ou não o Espírito não estava em questão, pois evidentemente, eles tinham recebido o Espírito. Por meio do ensino de Paulo, os cristãos devem entender que Deus não é só Deus Pai e Deus Filho, o Cristo (2 Coríntios 1:21), mas também é o Espírito no coração do crente – um penhor de redenção e vida eterna.

#### “ESTAIS FIRMADOS” NA FÉ (1:23, 24)

Paulo continuou a explicar por que havia mudado seus planos, ou seja, por que não tinha ido a Corinto antes de ir para a Macedônia (1:15, 16). Em parte, questões sobre as quais ele não tinha controle o compeliram. Ele planejara voltar a Corinto não prevendo o motim em Éfeso liderado por artífices, um motim em que ele quase perdeu a vida. Paulo também sugeriu que sua mudança de planos tinha a ver com a evolução do seu relacionamento com a igreja em Corinto. Outros assuntos além do motim em Éfeso o fizeram hesitar em voltar a Corinto, enquanto as feridas que alguns dali lhe causaram ainda eram recentes.

Depois de citar as promessas de Deus (1:20) e fazer uma digressão de cunho doutrinário, em 1:23, Paulo retomou a explicação que havia iniciado em 1:15 e 16. O versículo 23 claramente introduz uma nova ideia. A divisão capitular, feita por iniciativa humana, seguiria melhor os contornos do pensamento do apóstolo, se caísse após 1:22. Os dois últimos versículos do capítulo 1 estão intimamente ligados aos primeiros versículos do capítulo 2.

**<sup>23</sup>Eu, porém, por minha vida, tomo a Deus por testemunha de que, para vos poupar, não tornei ainda a Corinto; <sup>24</sup>não que tenhamos domínio sobre a vossa fé, mas porque somos cooperadores de vossa alegria; porquanto, pela fé, já estais firmados.**

**Versículo 23.** Pela segunda vez (veja os comentários sobre 1:18), Paulo invocou um juramento. Ele atestou a veracidade de suas palavras invocando, **por sua vida, a Deus por testemunha.** Por que ele não foi visitá-los? Presumivelmente, ele teve tempo de fazer uma visita a Corinto entre a triste visita e o motim dos artífices de Éfeso; no entanto, ele não a fez, nem antes nem depois do motim. Em vez disso, no momento combinado, ele escolheu ir para o norte, para Trôade, e de lá seguir para a Macedônia. Inimigos do apóstolo em Corinto se aproveitaram dessa mudança de planos para acusá-lo de inconstante e desleal. O apóstolo argumentou que sua falha em cumprir o combinado de ir a Corinto tinha outra explicação.

Paulo hesitou em voltar a Corinto em tão pouco tempo, por recear que uma visita tão imediata resultasse em mais danos ao relacionamento dele com aquela igreja. Ele ainda estava irritado com a última visita (12:11). Era para o bem deles – seu e dos coríntios – a decisão de não voltar tão rápido. Querendo **poupar** os irmãos, ele **não tornou a Corinto**. Exatamente do que Paulo queria poupar os coríntios? Aparentemente, tratava-se de algum tipo de ação disciplinar; mas os detalhes não são claros. Teria ele confrontado seus acusadores com poder sobrenatural, como fez com o cego Elimas, em Chipre (Atos 13:8–11)? Teria ele exigido que seus críticos fossem excluídos da comunhão da igreja, como fez com o homem que vivia com a mulher do próprio pai (1 Coríntios 5:5, 11)? É difícil não ler nas entrelinhas dessas palavras uma ameaça, como ocorre em 1 Coríntios 4:21 e 2 Coríntios 13:10. As palavras de Paulo foram ousadas ao ameaçar não poupar os irmãos, mas, ao mesmo tempo, ele temia ser ainda mais humilhado por seus inimigos (12:21).

**Versículo 24.** Qualquer ameaça implícita foi imediatamente amenizada: **não que tenhamos domínio sobre a vossa fé**, disse Paulo. Ele estava ciente de que nenhum contrato legal vinculava os crentes coríntios a ele. Ele não podia chamar uma força policial para expulsá-los de uma reunião da igreja. O pronome “vossa” está numa posição enfática (ὁμῶν τῆς πίστεως, *humōn tēs pisteōs*), salientando “a vossa fé”. Paulo e a igreja de Corinto eram, literalmente, **cooperadores** (συνεργοί, *sunergoi*), cujos esforços coletivos redundaram em alegria. O apóstolo não se recusou a louvar seus leitores. Ele escreveu: **porquanto, pela fé, já estais firmados.**

Embora Paulo tivesse autoridade como apóstolo de Cristo, ele relutava em usar essa autoridade para corrigir os problemas espirituais dos coríntios fazendo exigências. Ele queria resolver quaisquer mal-entendidos que houvesse entre eles amigavelmente. Paulo e os cristãos coríntios eram cooperadores no reino de Cristo. Paulo descreveu a si mesmo e aos seus companheiros como cooperadores da **alegria** dos coríntios. Paulo sabia que sua liderança seria exercida com maior eficácia através do exemplo e da persuasão. Parece que o uso da força, para o apóstolo, era um último recurso, significava admitir a derrota.

## DESTAQUES

### Fé sem Concessões (1:3–11)

Blaise Pascal era um francês, nascido a 19 de junho de 1623. Ele foi um dos precursores do grande Iluminismo do século XVIII. O jovem havia escrito importantes artigos matemáticos antes dos vinte anos. Os físicos ainda se referem à Lei de Pascal, concernente à expansão dos gases. Ele inventou uma das primeiras calculadoras mecânicas. Pascal morreu antes de seu quadragésimo aniversário, mas sua vida resplandeceu como uma estrela brilhante que guiou a história em seu rumo incerto.

Entre outras coisas, Pascal era um homem profundamente religioso. As reflexões religiosas desse pensador possuem uma inclinação filosófica, porém há pensamentos sobre Deus e as pessoas. Talvez a mais conhecida de suas obras seja um volume intitulado *Pensées* (“Pensamentos”). Alguns desses pensamentos são sucintos, enquanto outros se estendem por páginas. Alguns foram escritos formalmente e outros, rabiscados em papel de embrulho. Vão desde observações incisivas – como “A única vergonha é não ter nenhuma”<sup>16</sup> – até argumentações cuidadosamente fundamentadas.

Pessoas que se voltam para Deus podem ser movidas por medo, alegria, esperança, desespero ou por uma série de razões. Pascal escreveu o seguinte:

Isto é o que vejo e o que me incomoda. Olho para todos os lados e só contemplo escuridão por toda a parte. A natureza não me apresenta nada que não suscite dúvida e preocupação. Se não vejo nada nela que revele uma Divindade, chego a uma conclusão negativa; se vejo em toda a parte os sinais de um Criador, mantenho pacificamente

a fé. Todavia, diante de tantas dúvidas e tão poucas certezas, encontro-me num estado de grande infelicidade; quem me dera Deus preservasse a Natureza, pois assim ela daria testemunho dele inequivocamente e, se os sinais que ela desse fossem enganosos, que ela os eliminasse completamente; quem me dera ela dissesse ou tudo ou nada, para que eu escolhesse qual causa seguiria. Em meu estado atual, ignorante do que sou ou do que me cabe fazer, não sei minha condição nem meu dever. Meu coração se inclina inteiramente a saber onde está o verdadeiro bem, a fim de segui-lo; nada me seria demasiadamente caro por toda a eternidade.<sup>17</sup>

Pascal expressou medos que há séculos afligem pessoas de fé. O ponto falho desse filósofo foi incentivar o flerte com a dúvida.

Em 2 Coríntios 1, Paulo voltou-se para Deus apresentando um conjunto de necessidades muito diferentes das de Pascal. A comparação desses dois pensamentos conclama os cristãos a pensarem na fé com mais profundidade. Mesmo quando Paulo não entendia os caminhos de Deus no mundo, o apóstolo se recusava a afrouxar a fé. Quando começou a escrever 2 Coríntios, ele havia acabado de escapar de uma ameaça de morte. Por mais atormentado que estivesse, Paulo se agarrou a Deus sem reservas. Em meio a esse sofrimento, a fé o salvou. Ele escreveu: “...já em nós mesmos, tivemos a sentença de morte, para que não confiemos em nós, e sim no Deus que ressuscita os mortos” (1:9). Paulo estava conclamando todos os cristãos a pensarem profundamente na fé e, como ele, confiarem em Deus. Paulo não deixou dúvida em suas palavras de que Deus o protegeu e o livrou da morte. Uma fé fraca e trôpega, como a ilustrada por Pascal, pode ser pior do que não ter fé. O apóstolo entendeu que o deus deste século (4:4) tem muito poder no mundo, todavia Deus é mais poderoso. Deus livrou Paulo do mal.

Os pensamentos de Pascal sobre os meios pelos quais Deus manifesta Sua soberania no mundo eram muito diferentes da maneira como Paulo recordou seu próprio sofrimento. Paulo aprendeu a depender de Deus através de todas as provações que enfrentou. Chegou a ponto de pensar que morreria. Pascal, ao contrário, pensava em Deus de um modo abstrato. Ele queria que Deus se manifestasse na natureza de uma forma inconfundível, que tornasse impossível negá-LO. Paulo contentou-se em rememorar suas experiências, vendo nelas o

<sup>16</sup> Blaise Pascal, *Pensées* 194.

<sup>17</sup> *Ibid*, 229.



livramento de Deus. Suas necessidades imediatas não lhe deixaram espaço para dúvidas decorrentes de especulações.

Nós, cristãos, podemos aprender com Paulo a enfrentar tribulações, inseguranças, doença, morte, traição de amigos, dificuldades econômicas, inadequações pessoais e qualquer outra crise que plante dúvida na mente do cristão. Como os cristãos lidam com essas questões? Paulo superou o sofrimento vendo Deus como um amigo e companheiro. Podemos buscar encorajamento em outras pessoas que partilham a nossa fé. Jamais devemos nos permitir ficar na dúvida. Deus levanta os caídos; Ele corrige e molda o Seu povo. A vida nem sempre é fácil, mas é suportável. Tanto o mal quanto a alegria contribuem para quem somos. Podemos agradecer a Deus por tudo o que experimentamos a cada dia que Ele nos mantém vivos.

### **O Espírito Santo como Penhor (1:22)**

A história do nascimento de Zerá e Perez a Judá e Tamar em Gênesis 38 é uma das mais angustiantes do Antigo Testamento. Essa é a primeira ocorrência nas Escrituras da lei do levirato<sup>18</sup> (veja Deuteronomio 25:5). Judá escolheu Tamar para ser a esposa de seu filho mais velho, mas este era um homem mau e o Senhor lhe ceifou a vida. O segundo filho tomou Tamar por mulher e também morreu. Então, Judá devolveu Tamar ao pai com a promessa de que, quando seu terceiro filho atingisse a maioridade, ele se casaria com ela e lhe daria um filho no lugar do primeiro marido, ou seja, seu irmão mais velho.

Quando Judá fingiu ter se esquecido da promessa, Tamar decidiu executar um plano alternativo. Ela se disfarçou de “prostituta cultural”, isto é, uma prostituta da religião pagã, e se vendeu para Judá, sem que este a reconhecesse, pois ela usava um véu sobre o rosto. Desprovido de algo valioso com que pagar à meretriz, Judá entregou-lhe como garantia seu sinete, o cordão do sinete e seu cajado. Eram itens pessoais valiosos unicamente para ele e mais ninguém. O ato em que Judá entregou esses itens é chamado em hebraico de *arrabôn*. Mais tarde, Judá enviou o pagamento à prostituta, esperando recuperar seu *arrabôn* (Gênesis 38:17, 20); no entanto, ela não foi achada. A prostituta, é claro, era Tamar, a nora de Judá. Num momento oportuno, ela devolveu o *arrabôn* a Judá: o patriarca mal

pôde recusá-lo, quando Tamar alegou estar grávida do dono daqueles itens.

A história de Judá e Tamar era muito discutida entre os eruditos rabinos contemporâneos de Paulo. Aparentemente, por causa da popularidade da história, e talvez por causa da raridade do vocábulo no Antigo Testamento, Paulo escolheu usar o termo *arrabôn*, a garantia ou penhor que Judá havia deixado com Tamar. Essa é uma palavra multifacetada, porém causa alguma surpresa o fato de Paulo usá-la numa descrição do Espírito Santo em 2 Coríntios 1:22 e também em 5:5 e Efésios 1:14. A NVI e a NTLH optaram pelo equivalente “garantia”. O que o Espírito Santo garante? O que está penhorado ou garantido para os cristãos? Paulo se referiu ao Espírito como um “selo”. Deus enviou o Espírito para identificar os crentes em Cristo. Com o Espírito, Deus unge os crentes (2 Coríntios 1:21, 22; 1 João 2:20, 27). Ele os reivindica para Si, os comissiona e lhes promete mais.

As crenças sobre o Espírito variam consideravelmente e têm muito a ver com a maneira como se entende a autoridade religiosa e o que significa ser cristão. Para alguns, os conceitos de Deus como Pai e como Filho são administráveis, ao passo que a manifestação de Deus como Espírito Santo é demasiadamente desconfortável. Deus Pai e Deus Filho têm uma dimensão histórica. Deus se revelou a Israel e, com o passar do tempo, apareceu na Pessoa de Jesus de Nazaré. O Espírito Santo não tem essa ação na história.

O Espírito como uma presença no coração de Paulo era o selo de Deus sobre ele, sua garantia de vida.

1. Alguns crentes evitam debater longamente sobre o Espírito Santo por entenderem que Suas qualidades são subjetivas e indefiníveis; outros, por outro lado, só querem falar do Espírito. Orações públicas e privadas são transformadas num estado de consciência altamente valorizado e extático, considerado uma prova da conexão do crente com Deus. Alguns apontam a indução do Espírito como justificativa para tudo, desde casos extraconjugais até revelações diretas de Deus. Esse extremo define como obra do Espírito escolher e colocar o Espírito no centro da vida cristã; o extremo oposto é evitar toda e qualquer reflexão mais profunda sobre o Espírito Santo. Devemos seguir a orientação bíblica para evitar qualquer um desses extremos. A obra do Espírito é uma parte importante da vida cristã. Ao mesmo tempo, não se deve esquecer ou-

<sup>18</sup> “Levirato” vem do latim *levir*, que significa “cunhado”.

tros aspectos da orientação divina aos crentes. Seguramente, podemos afirmar que:

2. A Palavra de Deus e o Espírito Santo trabalham em uníssono para nos fazer conhecer a vontade de Deus. Paulo associou as palavras que escreveu e falou com a revelação do Espírito. Ele sabia que suas palavras eram “ensinadas pelo Espírito” (1 Coríntios 2:13). Ele instou os crentes a se apossarem da “espada do Espírito” e definiu-a como “a palavra de Deus” (Efésios 6:17). O autor de Hebreus explicou que a palavra de Deus é “viva e eficaz” (4:12), e Pedro observou que uma pessoa nasce de novo pela “palavra de Deus, a qual vive e é permanente” (1 Pedro 1:23). Tudo o que o Espírito revela ou faz está em conformidade com a Palavra de Deus.

3. Embora Jesus tenha prometido que o Espírito Santo exerceria uma parte singular na obra

que Ele conferiu aos apóstolos (João 14:26), o Espírito habita em todos os crentes (Atos 2:38; Gálatas 4:6). O Espírito foi uma presença consoladora para Paulo quando o apóstolo enfrentou a “sentença de morte” na Ásia (2 Coríntios 1:9; veja 1:8–10, 21, 22), mas ele também esperava ter a presença consoladora do Espírito em momentos mais pacíficos. O Espírito assistiu a Paulo, e Ele assiste a todos os cristãos, capacitando-os (por meio da Palavra) a resistir ao pecado (Romanos 8:26). O cuidado providencial do Espírito guia quem confia em Deus para fora do caminho do tentador (Mateus 6:13). O Espírito nos ajuda a orar como devemos e nos direciona para o caminho do bem (Romanos 8:27, 28). A presença consoladora do Espírito é o penhor, a garantia, o *arrabōn* de Deus de que fomos selados por Ele para a alegria e as bênçãos da vida eterna.

Autor: Duane Warden  
© A Verdade para Hoje, 2021  
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS